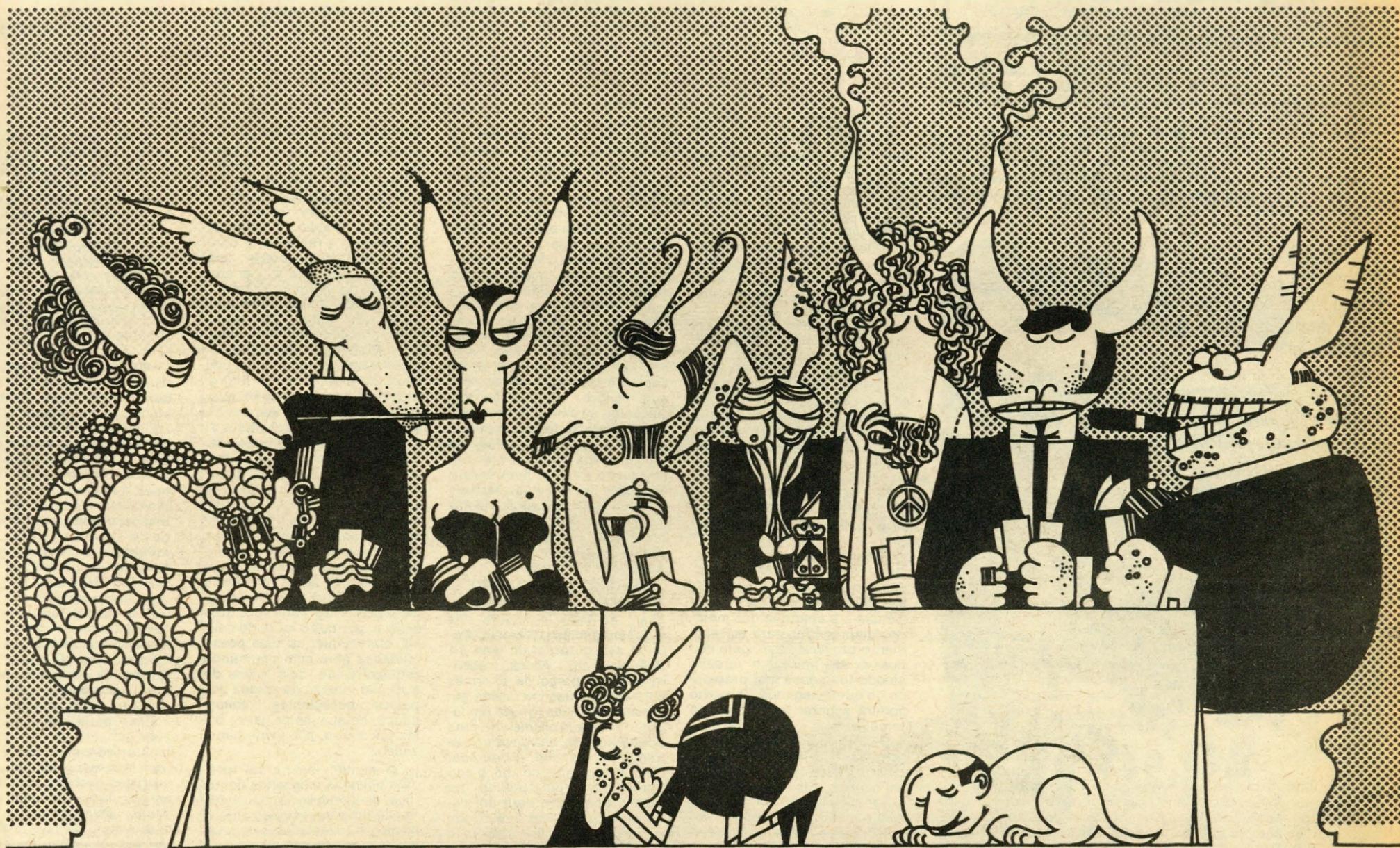


# O BURRO EM FAMÍLIA



Abra-se a página tantas o **Repositório dos Entretenimentos / Para Uso dos Salões e Desenfadado das Famílias** - Lisboa, mil oitocentos e tal:

«Do burro-em-pé se dirá que é passatempo muito da província pela simplicidade das regras e pela lentidão que requer em sua prática. Porém, faz larga prova de certas virtudes e paciências populares, e destárte se tornou divulgado.»

**N**a República da Comarca o jogo oficial era o burro-em-pé.

Primeiro porque exigia só um baralho, o que ia a matar com a modéstia da nação: mesmos trunfos, e poucos, mesmas figuras, mesmos ases. Depois porque era um passatempo anti-intelectual e todo pachorrento: muito útil, portanto, para desenvolver as qualidades naturais dos habitantes, que eram resignados, pacientíssimos e monótonos desde o vestir até à História. Para terminar, tratava-se de um jogo em mansinho que se limitava a castigar quem perdia com a multa em espécie de alguns feijões de serão e com o título de burro-em-pé.

Lá os feijões é como o outro: numa república

essencialmente agrícola, mais feijão, menos feijão, não contava. Mas quanto ao título, isso é que Deus te livre. Por mais analfabetos que fossem os cidadãos, nenhum admitia semelhante carimbo. O ser-se burro tinha tamanha importância que havia até alguns sujeitos que eram inteligentes por profissão.

Que é que taz Fulano?

É um tipo bestialmente inteligente.

Fulano às vezes trabalhava de advogado e perdia causas; ou era intelectual e escrevia vesgo; ou governava torto mas desde que fosse inteligente, okay, não se pensava mais no assunto.

Daqui à inflação de inteligência foi um passo.

Como na República se trabalhava pouco e lento, cada qual, à falta de melhor, punha-se a magicar mosquitos por cordas e a topar décimo sextos sentidos no que lia e ouvia, e considerava-se logo muitíssimo inteligente em relação ao vizinho, que esse tinha de ser forçosamente burro, mas burro de dar com um pau.

Com tanta inteligência à solta está claro que os burros subiram de cotação. Os melhores que se arranjavam tinham colocação garantida e bem paga, enquanto que a restante população, mais que rancorosa e a ver mosquitos por cordas, se enfiava nos cafés e na política à meia porta. O prestígio dos burros chegou a tal ponto que os cidadãos locais quando falavam em superlativo diziam:

«Ter dinheiro como burro» ou «ser esperto como burro» veja-se o desplante.

Isto era o máximo.

Para pôr termo à confusão geral, a Academia dos Generosos organizou congressos, imprimiu selos, publicou dis-

cursos de elzvir contado. Saiu esta coisa:

«Burro s. m. (do lat. **burru** -) Quadrúpede solípede. Animal de carga». Pois, **animal de carga**. Burro seria o habitante que carregava o baralho dos outros; o contribuinte resignado, passo lento, entregue ao fatalismo e às meditações de sabe-se lá. E assim é que estava certo.

Sòmente, no dia-a-dia da República, cruzada constantemente por milhares de jumentos em viagem, houve um que se empinou (diz-se) e que tomou o gosto de andar a duas patas. Excelências, que desaforo. Um burro em pé.

Naquela posição, meio metro acima da irmandade geral, esta criatura ganhava outro ver, outra medida. Não perentencia à ordem dos inteligentes nem tinha essa pretensão, era o que faltava. Apenas com suas orelhas longas e vivas, seus dois parênteses, enquadrava o mundo com uma dimensão muito própria, muito dele, deitando-lhe um olhar meigo e astuto como só os jericos sabem deitar a tudo

quanto os rodeia ainda que seja só poeira, carnosos e marcas de ferraduras.

Muito certo, muito certo, mas isto era inadmissível. Um burro em pé contrariava as regras da zoologia. Insultava a memória de Esopo, oh, ingratidão. Por outro lado, não **podia** transportar carga, **deixava** de ser burro próprio dito, o que desagradava ao estatuto e à economia da Comarca. Coisas...

Mas, pior dos piores, a comunidade dos jericos é que, com licença de Vossências se sentia mais prejudicada com semelhante animal. Estava ofendidíssima com esta atitude em duas patas que considerava, e muito justamente, como prova de soberba. T'arrenego, t'arrenego, proclamaram os jumentos em coro, lançando-se em perseguição do atrevido.

Também os chamados inteligentes não gostaram, como é fácil de calcular. Tinham grandes alianças com a classe dos jericos (eram inteligentes pra burro, dizia-se) e receavam que,

ontem a quatro patas, hoje a duas, o animal amanhã levantasse vôo e andasse por cima deles. Não seria o primeiro caso, afirmavam. Jumentos voadores já um estrangeiro chamado Chagall tinha descoberto e ele lá sabia porquê. Querr lhes garantia a eles, inteligentes, que a moda não pegaria na Comarca?

De qualquer maneira, o Burro-em-Pé estava a mais. Destoava na Harmonia Universal, era duas orelhas a saltar da linha certa e pachorrenta da marcha do dia-a-dia. Depois, entre ver a quatro patas e ver a duas patas havia a sua diferença, e só por aqui se avaliava o prejuízo e a confusão que um bicho bizarro podia trazer à comunidade. Por conseguinte, nada de hesitações: abaixo o Burro-em-pé.

Assim começou o calvário de uma personagem da Comarca que, para escapar ao ódio dos seus, procurou abrigo entre os génios locais, os únicos que viam nele um simples burro com quem se podia conversar e dizer de sua justiça.